

REVISTA THEATRAL

2.^a Serie — Anno II

Lisboa, 1 de agosto de 1896

2.^o Vol. — Num. 39

CELEBRIDADES ESTRANGEIRAS



ELLEN TERRY



ESTADO DO THEATRO

II

AS REVISTAS

REVISTA DO ANNO chama-se uma figuração theatral dialogada, tomando por assumpto successos publicos decorridos n'um certo lapso de tempo. Toma a forma critica, satyrica, é então um trabalho serio de synthese, partindo de permissas, e deixando inferir atravez de massas pitorescas, determinadas leis sociologicas — trabalho analogo ao que é em livro o *Graindorge*, de Taine, e em desenho o *Virelocque* de Gavarni e a obra verde-má de Daumier — ou simplesmente se satisfaz com extrahir das ephemerides do anno, uma sumula por exclusivo picaresca, pretexto de coplas, vistas, guarda roupa e movimentos de comparsaria mais ou menos estrondosos.

No primeiro caso, realisa a melhor das formas do pamphleto, o pamphleto fallado, aquelle em que o escriptor, bem em face da turba, lhe avergôa as carnes co'seu latego, dispensando o intermedio da imprensa, que falha sempre nos povos sem habitos da leitura, e produzindo um instantaneo de persuasão e emoção, mil vezes superior ao das outras arengas criticas, escriptas. No segundo, isto é, quando a revista, sem prosapias d'obra moralisante, serve de pretexto apenas a feeria e musicas canalhas, pôde ella conter em si tambem fermentos d'arte e boa litteratura, o que tudo depende do talento esparso, das phosphenas de graça, dos glu-glus d'imaginação — qual tomando por exemplo a forma de magica ou poema aventuroso, actualisados por entre casos de rua, reviravoltas de chasco, caricaturas, typos — qual pretexto simples de *charge*, onde todos os assumptos caibam e se deformem, macabrisados pela retina do libretista com

carta branca para visionar a loucura, a todas as flammaz azues do paradoxo...

D'este segundo genero se approximam as revistas dos theatros de Lisboa, habitualmente escriptas por individuos estranhos ao mister de fazer arte, d'onle o não passaram de pobres cartas de guia para as misericordias da critica, e pretexto para exhibição de gargantas e pernas familiares co'a tisana Zitman e outros especificos do *bel canto*. Por quaes razões não abordam os escriptores de talento, em Portugal, as revistas d'anno, tão de molde propensas ás virulencias da satyra e ás doiradas improvisações da *blague* voltejante? e porque hão-de estes scintillantes generos de todo o tempo andar entregues a barbeiros? Ha quem podesse redigir revistas de trama essencialmente critico, segundo um claro plano de permissas seguras e quadros de exposição humoristica, escolhidos entre os typicos da vida portugueza sob respeitos de convergencia á comprovação d'uma theze ou lei geral, ennuuciada como fecho — e citarei Eça de Queiroz, e algum outro, que trabalhando a serio, lograria traçar em dez ou doze quadros dialogaes, o panorama supra, a vôo d'escarneo; e não faltam por ahi varios capazes de realisar com fortuna o genero revista-magica, revista-charge, revista-imbroglio, lançadas sem plano philosophico, á gandaia das improvisações malucas do momento, se melhor comprehendida a missão de fazer letras, e rehabilitada a revista dos baldões chinfrins dos trocatintas, algum gazetilheiro mais vivo, algum humorista mais clownesco, tomassem do encargo a peito, e mergulhassem no assumpto decididos a trazer d'elle

uma obra fulgentissima. Como explicar pois este abandono de terreno, este desaproveitamento d'um dos mais ricos filões em que pode espadanar a improvisação satyrica e linguareira? Pelo descredito em que cahiu a revista, desde que se apoderaram d'ella os fazedores da baixa vaia comica? Pela antiga divisão romantica dos assumptos litterarios, em nobres e vulgares, e o ridiculo portuguez, secular, de que todo o escriptor deva ser um fidalgo, e os fidalgos escreverem só de luva branca? O certo é que o assumpto revista teem-no relegado aos jôgraes subalternos das lettras, que nas plateas infimas, antes da lei de Lopo Vaz, surravam a tolerancia policial tornando a scena, cloaca d'injuria politica, com a rainha batendo o fado, e o ministerio de gazúa, a arrombar as arcas do thesouro; e depois d'ella mesmo, incapazes de mudar de processo, exploram a depravação sexual com pecoras sem roupa a araviar concupiscencia em horriveis palavradas.

Em Portugal a historia das revistas do anno é trabalho que só algum velho cão rateiro dos palcos seccundarios, poderia fazer, juntando o bysantinismo de recordações pessoaes, á compulsa d'archivos impossiveis de completar em theatrinhos tendo cada estação, seu empregario, e á rebusca de periodicos, cuja inferioridade de linguagem e ausencia d'opinião, tolheriam de muito a limpidez bibliographica do ponto.

O assumpto pagava entanto as canceiras da tarefa, pelo que visionaria sobre o humor popular, collaborador anonymo de todas as revistas, e a lenta metamorphose d'esse jogo de palavras que é a trama das litteraturas d'ouvido, e obseca ás vezes d'um seculo e mais, pobres paizes como o nosso, vivendo dos restos intellectuaes d'outras nações. Eu menos que ninguem posso enfileirar chronologicamente as revistas que teem ido, de 1840 para cá. Poucas deixaram rastro¹: apenas uma, a *Viagem á roda da Parvonía*, de Junqueiro e Guilherme d'Aze-

vedo, é supportavel como escripto, mas pecando pela ironia espremeida, e contextura monotona do argumento. Li ha pouco ainda a *Viagem á roda da Parvonía*, e posto ella seja a mais litteraria e coherente das revistas portuguezas, conhecidas, é certo que como obra de theatro não passa d'uma hostilisante e ossosa carcaça d'artigo politico. Demasiado escripta, vivendo da sua factura symetrica e da sua ironia sem verve, feitas por um processo de contrastes, hoje banal, a obra dos dois poetas manqueja de quasi todos os requisitos d'agrado scenico. O entrecho é uma incolor reedição do eterno personagem critico-pensante, vindo á Parvonía ajuizar da vida contemporanea; a graça pedagoga, hostilisa a platéa que não pôde ter a percepção philosophica da ironia; esta, sem verve, descamba no sarcasmo atrabiliario que apavóra o espectador simples, e pobre d'invento, e repisando scenas e scenas o mesmo truc, acaba por deshumorar fastidiosamente até a gente mais complexa. Todas as surpresas que o imprevisito serpea á caça de subjugar o espectador desprevenido, e que na revista devem proceder de conjunctos, guarda-roupa, scenario, deslocações, transformações, musica, syntheses dialogaes, ditos a esmo, formas, sons, côres e movimentos, estão na revista de *Gil-Vaz* por tal maneira limitadas e abolidas, que a obra fila, sem desenvolvimentos episodicos, na tristura d'um soliloquio — de sorte que n'um acto inteiro, trinta figuras que entram a abordar o Judeu Errante (personagem fecho da peça), dita a gracinha, retiram-se, sem deixar rastro vibratil, radícula que entrance a figura no feiche da acção, e faça da obra um todo concentrado. A peça salvar-se-hia entanto, para a critica, mesmo com a impicante seccura dos dialogos, como disse engercôados de pequenos soliloquios mal cerzidos, se no final houvesse um fecho philosophico, e por toda ella uma relação qualquer d'*ensemble* critico; mas ao cabo de trez actos de costumes politicos, subitamente o panno desce sobre o nariz do espectador comido á espera de saber onde tudo aquillo vae parar. Mau grado a flagrante inferioridade, e o circumscrever-se estreitamente

¹ Em 1853, janeiro, foi no Gymnasio a revista do anno, em tres actos, *Qual d'elles o trará?*, que o meu illustre informador e velho amigo Salvador Marques, suppoe ter sido escripta por Braz Martins, o compositor jocoso dos theatros populares d'aquella epocha.

Em 1854, *A vingança do cometa*, tres actos, no Gymnasio, pelo mesmo.

Em 1856, *Fossilismo e Progresso*, tres actos e seis quadros, de Manuel Roussado, no Gymnasio.

Em janeiro de 1857, revista em dois actos, *Lisboa em*

ao registro de factos politicos, é esta ainda assim a unica revista nacional com pretensões formaes de satyra de costumes; haja vista a insistencia com que, cahida a peça, os auctores convocaram quasi todos os homens de letras do tempo, para lh'a annotarem em livro, - como quem diz que a consideravam obra d'alcance.

Nas revistas constantes da serie que emnotaproduzimos, e que, umas mais que outras, fizeram caminho entre o publico grosseiro e sexual que habitualmente as frequenta, não ha infelizmente signaes duma intuição qualquer de critica methodica, ou de debate humoristico prendendo-se nas modalidades diversas da nossa vida social. A mór parte dos auctores, nem escriptores pódem chamar-se, mas simples serviçaes da informação jornalística, obscuros filhótes do larachismo dos camarins e caffès dos pequenos theatros. Quasi todos sem educação de leituras, nem aptidões litterarias defenidas, nem gymnastica mental a permittir-lhes autonomia d'opiniões sobre quaesquer pontos d'inquerito, imagine-se o que poderão fazer de picaresco ou de bello, em assumptos

sobre que o espirito d'elles não tem aberta uma só janella, e cujos precipicios ou pinaculos só poderiam vencer-se, á força d'azas — que o mesmo é esperar de gallinhas chócas, arrojados de condor. Assim, os revisteiros d'esta cathegoria subalterna que mais têm agradado no genero, são os que como homens de letras menos cotação têm na republica intellectiva, e o seu successo explica-se por um bolhar de facecias plebeas, de desinvolturas grossas, restos de mocidade e bohemia livre que elles espargiram nas peças, em unisono co'as afinidades humoristicas da multidão rudimentar que os frequenta. Em alguns o folego curto do cerebro, o esgotamento préstes da verve, e a profunda miseria cultural que lhes não permite sobreviverem aos primeiros pártos litterarios, produzida uma revistinha viavel, eil-os mendicantes pelas larachas dos almanacks, ressequidos, e logo liquidando em inbroglis neutros ou obscenas trapalhadas. Os resultados d'estas degenerescencias são patentes, e a vergonhosa anarchia do gosto publico, a preferencia dos assumptos crapulosos em

1856, de Joaquim Antonio d'Oliveira, o conhecido *Oliveira das magicas*, no D. Fernando.

Em fevereiro de 1858, *Revista do anno de 1857*, de Francisco Serra e Carlos Braga, representada no antigo Rua dos Condes.

Em 1859, *Revista do anno de 1858*, com seu prologo, dois actos e dez quadros, de Joaquim Augusto d'Oliveira, nas Variedades. Teve um exito louco, e dizem-n'a extremamente engraçada.

Em janeiro de 1860, *A sombra de 1859*, um acto, de Eduardo Coelho, no antigo Rua dos Condes. Neste anno a auctoridade prohibiu uma especie de comedia-revista, *Melhoramentos materiaes*, por um *Curioso observador*, tres actos e quatro quadros, no Gymnasio. Ainda foi algumas noites. O leitor, se podér indagar, escreverá adeante o nome do auctor.

Em 1862, revista em tres actos e seis quadros, do actor Izidoro Sabino Ferreira, nas Variedades.

Em 1867, revista em tres actos, de Costa Braga, Variedades.

Em 1869, *Celebridades de 1868*, dois actos e seis quadros, de Henrique Veron e Nogueira Junior, Gymnasio.

A lista, por longa e fastidiosa ao leitor, e excessivamente massadora para nós, salta-se aqui e além, pois só a logriamos completa indo aos archivos dos theatros, e compulsando collecções de quasi trinta annos de jornaes.

Em 1873, *Coisas e loisas*, Sousa Bastos e Baptista Machado, no antigo Rua dos Condes.

Em 1874, *Entre as broas e as amendoas*, revista do primeiro trimestre do mesmo anno, por Sousa Bastos.

Em 1874, *Lisboa no palco*, Sousa Bastos, no Rua dos Condes antigo.

Em 1875, *Scenas de Lisboa*, por Sousa Bastos.

Em 1879, *Revista do anno de 1878*, por Sousa Bastos, no Principe Real.

Em 17 de janeiro de 1879, a *Viagem á roda da Parvonia, relatorio em quatro actos e seis quadros*, pelo *Commendador Gil-Vaz* (Guerra Junqueiro e Guilherme d'Azevedo), fazendo Tabora o principal papel. Foi no Gymnasio, e pateada logo á primeira, atirando-se cadeiras para o palco. Nas alturas do terceiro quadro, um actor, caracterizado de deputado, dizia a outro: «F... é rapaz de grande valor. Ha um epitafio d'elle a minha sogra... a ver se me lembro (*declama*) «As armas e os barões assignalados». Ah não, isto é do Luiz d'Araujo.» N'isto ouve-se a voz do Luiz d'Araujo a berrar na platéa «É da grandecissima p. que o p.!» Foi o successo da noite, e toda a sala se levantou ás gargalhadas.

Em 1879, aproveitando meio titulo da precedente, *A Parvonia*, por Antonio de Menezes (Argus), em collaboração com Carlos Borges, no Principe Real.

Em 1880, *Tutti-li-mundi*, de Antonio de Menezes, no Rua dos Condes. Agradou e popularisou-se immenso.

Em 1881, *O Antonio Maria*, por Antonio de Menezes, Rua dos Condes antigo.

Em 1882, *Etc. e tal*, pelo mesmo, no mesmo, com muito agrado e obscenidades ás mão-cheias.

Em 1883, *Pim-pam-pum!*, pelo mesmo, no mesmo.

Em 1884, *Juízo do anno*, por Antonio de Menezes (fez o primeiro acto, que foi a sua ultima obra de theatro; morreu de tuberculose, mezes depois), Sousa Bastos e

materia de revista têm posto as coisas n'um pé de resváo, d'onde não é facil sahir sem uma campanha formal de sanidade. Até á lei do Lopo Vaz, os revisteiros tinham uma receita de peça, invariavel: um homem representando o bom senso, e que era alternativamente o sr. Ramalho Origião ou o Ti Zé d'Alverca, vinha á cidade examinar o *estado de coisas*, topando no caminho personagens que lh'o explicavam por formulas conhecidas — para a politica, as syntheses do artigo de fundo do *Pimpão* — para os costumes, os ditos e caricaturas dos jornalinhos chamados para rir. O rei D. Luiz com uma monstruosa rosa na botoeira, o rei Fontes, de corôa de bicos, dando o braço ás manas Perliquités, o Marianno de Carvalho escamoteando libras d'um cofre de fundos falsos representando os fundos publicos, o marquez de Vallada, o Carlos Valbom, o Arroyo — de bailarina, de Ganymedes, de telephone — todas as ignominias d'uma vida particular, suppostas ou verdadeiras, que a infamia anonyma subentende e suggere nos jornaes de *chantage* politica, acerca dos homens publicos da terra, tudo isto era a *chair á canon* da asque-

rosissima hecatombe, e punha a inviolabilidade moral do homem á disposição do primeiro mandrím pousado em Juvenal gazetilheiro. As peças acepipadas n'este sentido de corrosão sinistra, eram o producto d'espíritos sem alacridade e sem conceito, medrados no esterco, bebidos d'insolencia, recorrendo á diffamação para encobrir estiagens de talento, e cahindo na legenda latrinaria por homenagem ás ruins paixões da corja vingativa, avida d'exautorações sanguinarias, e irresponsavel como toda a multidão desorientada. Não me deterei sobre os effeitos geraes de tal litteratura (o facto é conhecido) na sua fusão com ess'outra, politica, que fez nos jornaes a fortuna de certos jornalistas, e que falseando o tom, provocando no sacerdocio d'escrever, a suspeita, matando o entusiasmo, desmantelou a opinião té este desprezo sceptico com que hoje se recebe tudo, e que é bem o esfacelo d'um povo cadaverisado para quaesquer revindicações purificantes.

Continúa.

FIALHO D'ALMEIDA.

Moraes Pinto (Pan-Tarantula), no theatro dos Recreios, antiga esplanada Castello Melhor.

Segue uma serie de revistas, cujas datas de representação ignoro, e que o leitor por certo chronologicamente enfileira, se me quizer ensinar a ser consciencioso. Direi ao acaso.

De Baptista Machado: *Coisas do arco da velha*, no Principe Real; *Faz-me arranjo*, no mesmo; *Onde está o gato?*, no Rua dos Condes antigo; *FF e RR*, no Alegria; *Pontos nos II*, collaboração com Julio Rocha, no Chalet; *O Sarilho*, collaboração com Eduardo Fernandes (Esculapio), no Rua dos Condes moderno.

De Jacobetty: *O Microbio*, no Chalet; *O reinado do prior*, collaboração com Miguel dos Santos, no theatro da Rua do Olival; *O anno das pontas*, no Chalet; *O reino de Pantana*, collaboração com Anselmo Xavier, nos Recreios; *Vistorias do diabo*, no Chalet; *D. Quixote*, Chalet.

De Urbano de Castro: *Lisboa por um oculo*, Gymnasio.

De Baptista Diniz: *O seculo XIX*, no Rato; *O pecego*, no Rato; *Zás-trás* (collaboração com Penha Coutinho), no Rua dos Condes; *Olaré quem brinca!*, no Rato.

Em 1888, *Tim tim por tim tim*, Sousa Bastos, no Rua dos Condes moderno, representado durante tres annos, e com umas poucas de *tournees* pelo Brazil.

Em 1880, *Tam-tam*, Rua dos Condes moderno, por Sousa Bastos.

Em 1891, *Pim de seculo*, pelo mesmo, no Rua dos Condes moderno.

Em 1894, *Sal e pimenta*, pelo mesmo, no theatro da Trindade.

De Ludgero Vianna: *Na lua*, Rua dos Condes moderno; *Az de copas*, Rato.

De Ernesto Desforjes e Cruz Moreira (Caracoles): *Lisboa em camisa*, no Avenida.

De Soller: *Um sonho do citado auctor*.

De Marcellino Mesquita e Gualdino Gomes: *A toirada* no Avenida.

De Antonio José Henriques: *Jiga-joga*, no Rato.

De Penha Coutinho: *A feira da ladra*, no Avenida.

De Sá d'Albergaria: *O filho do diabo*, no Avenida.

De Carlos Sertorio: *Poeta em pancas*, no Avenida. De Miranda e Sousa, Ernesto Carmo e Eutropio Machado: *Trocas e baldrôcas*, no Avenida. De Julio Rocha: *Á roda da politica*, no Rato; *O Phylloxera*, no Chalet.

Revistas, no Porto:

O jogo do diabo, Sousa Rocha, Chalet.

Pão, pão — queijo, queijo, Guedes d'Oliveira e Jayme Filinto, no D. Affonso.

O Porto por um canudo, Sá d'Albergaria, no Baquet.

Pastilhas do diabo, Sá d'Albergaria, no Chalet.

Porto em camisa, Sousa Rocha, no D. Affonso.

O Zé n'um sarilho, Sousa Rocha, Chalet.

Cartas na mesa, Emilia Eduarda, Chalet. Teve um certo exito.

Do inferno ao mundo em 365 dias, Augusto Garraio, no D. Affonso.

Mundo, diabo e carne, pelo mesmo, no mesmo.

O leitor indagará as datas e completará a colleccção.



REVISTA DOS THEATROS

THEATRO DA TRINDADE

24 de Julho

OS FILHOS DO CAPITÃO-MÓR¹

Operetta em 3 actos, original do sr. Eduardo Schwalbach, musica dos srs. Augusto Machado e Thomaz del Negro

Certamente a nova operetta portugueza teve um enorme exito e, digamol-o depressa, bem justificado, devido principalmente á partitura que do principio ao fim não tem numero que desmereça o agrado e o applauso com que foi recebida. Se nos primeiros trechos se reconhece e em evidencia a arte aprimorada e sublime do maestro da *Laureana* e dos *Dorias*, a verdade manda dizer que o sr. del Negro soube achar para os trechos mais ligeiros a nota alegre e buliçosa das mais afamadas operettas francezas. Os dois maestros, se bem que facilmente distinguíveis pelo ouvido mais profano, em seus processos, são ambos e por igual dignos de louvor pelo conjuncto harmonioso e completo que conseguiram dar á sua obra, conjuncto que nem sempre se obtem nem é facil de obter em obras de collaboração. Citar os trechos que mais me agradaram, seria citar todos. Dizer quaes os que mais cahiram na sympathia do publico, dizer será que foram, como de costume, os de mais facil retenção, como o do final do 2.º acto e o do começo do 3.º. Entretanto considero verdadeiramente notaveis o do *jogo da cabra cega* e do *duetto da licção*, de difficil execução tanto no verso como na musica e que, bem cantado por artistas seguros, deve ser admiravel, a *canção do capitão-mór*, a *marcha dos flautins*, que

traz á idéa da *Lakmé*, o *tercetto do casamento*, o intermedio do 3.º acto, e todos, emfim, todos.

E' uma obra musical que, como o *Burro do sr. Alcaide* e como o *Solar dos Barrigas*, ficará no nosso theatro e dará honra ao nosso paiz.

Não gosto tanto do libretto. Diz um auctor celebre que os librettos se ajuizam pelo valor das partituras. Se assim é, o do *Capitão-mór* é excellente. Se assim não é, o que acho menos paradoxal, o libretto parecerá um pouquinho insosso, sem grande interesse e sobretudo sem nenhuma graça, ao que o auctor me poderá contestar ainda que escreveu uma operetta e não uma opera-buffa. O assumpto é, como outro qualquer, acceitavel, e ora em comedia, ora em farça, faz desculpar a desigualdade que n'elle tanto impera como na linguagem que, começando com laivos de archaismo, descae para o fim em neologismos escusados.

A acção passa-se em 17. Um capitão-mór houve ali para as bandas de Bragança que a todas as mulheres da terra fazia mães de bebés machos com que ia povoando as rodas. Para proteger uns amores e para explorar a credulidade de duas velhas fidalgas, D. Martinha e D. Perpetua, quasi um regimento se faz passar por filho d'ellas. D'estes quiproquós, por vezes repetidos e alongados, nasce o enredado do entredo.

Ha tres boas scenas no 1.º acto, a do namoro entre o fidalguinho e a camponeza, e as do Gaudencio e do Cosme com as respectivas mulheres, embora estas duas scenas sejam symmetricas. Ouvi accusal-as de similhaça com outras do mesmo auctor. Como sejam do mesmo auctor e de peças que eu não conheço, a accusação é-me absolutamente indifferente. Estas são boas; se as outras se lhes parecem, é porque boas são tambem.

Do que abertamente não gosto e francamente declaro, é dos versos. São pobres, duros, pouco musicaveis, de rimas fracas e extraordinariamente repetidas. Ha trecho em que o artista diz a mesma palavra dez ou mais vezes (ex.: *tercetto do casamento*, *final do 2.º acto*, etc.).

O desempenho foi glorioso para os artistas. Amelia Barros e Emilia Eduarda, duas das nossas mais conhecidas caracteristicas, luctaram nos dois principaes papeis da peça, ambos de eguaes effeitos e d'eguaes recursos, e d'elles sahiram ambas victoriosas. E' dizer tudo. Gomes fez um bello vegete e Firmino um bruto capitão. Cinira e José Ricardo teem papeis de pouco effeito. Via-se todavia que Cinira não dispunha de todos os seus meios n'esta noite e que José Ricardo, n'esta peça, se preocupára mais com a marcação, que é d'elle, e em que, principalmente no *tercetto*, mostrou apreciaveis qualidades de ensaiador. Essa scena é viva e acertadamente jogada. Uma principiante, Maria Costa, que vimos debutar no *Bijou* do sr. Chaves co-

¹ PERSONAGENS: = *Cogominho Mimoso*: José Ricardo. — *Romão*: Queiroz. — *Capitão Gaudencio*: Firmino. — *Cosme*: Gomes. — *Gonçalo*: Correia. — *Manoel*: Maria Costa. — *Bernardo*: Laura Ferreira. — *Victorino*: Duarte Silva. — *Caetano*: José Franco. — *Eduardo*: Holtreman. — *Joaquim*: Antonio Duarte. — *Maria*: Cinira Polonio. — *D. Martinha*: Emilia Eduarda. — *D. Perpetua*: Amelia Barros. — *Catharina*: Luz Vellozo. — *Michaela*: Maria da Luz. — *Seraphina*: Julia Correia. — *Tia Anna*: Elvira Roque. — *Marianna*: Candida de Sousa. — *Francisca*: Thereza Morgado. — *Soldados, camponezes, homens de lavoura, etc. etc.*

Os 7 numeros do primeiro acto e os numeros 8, 10, 11, do segundo são do sr. Augusto Machado.

Os numeros 9, 12 e 13 do segundo acto e todos os numeros do terceiro, são do sr. Thomaz del Negro.

Mise-en-scène do actor José Ricardo. Direcção musical do sr. Thomaz del Negro, guarda roupa, todo novo, do sr. Carlos Cohen.

meça a mostrar habilidade. A voz não é má, a figura não é deselegante, o gesto não é despropositado. Deve perder uma certa sobresãna e os arremessos com que diz tudo e com isso terá a ganhar. Ella e Luz Velloso são talvez mais duas esperanças e fizeram bem a scena do namoro. Perdoados lhes será o duetto que a segue, e a que já atrás me referi, porque é d'exame e para fazer baquear artistas já experimentados. Queiroz sobrio como de costume; carne cosida á portugueza antiga; simples, forte e estomacal.

A peça está apropriadamente vestida.

Contaremos pois d'hoje em diante com mais uma peça portugueza de lei no assumpto, nos costumes, na letra, e na musica e oxalá que este facto, que eu considero tão digno de meditação, sirva d'incentivo aos nossos escriptores, pois que provado está que o theatro é ainda hoje no nosso paiz o unico genero de litteratura muito portuguez e que não paga mal as canceiras que com elle se tem. O contrario, só o dizem os imbecis que não sendo capazes de construir meia columna de um jornal barato, execram os que podem escrever duas scenas de comedia.

JOAQUIM MIRANDA.

THEATRO D. AMELIA

5 de Julho

A MANGERONA¹

Opera comica, em 3 actos, de Vanloo e Leterrier, traducção dos srs. Bruno de Miranda (prosa), Machado Correia (verso), e musica de Charles Lecocq.

Descobriram os esquadrinhadores das peças francezas mais uma velha operetta, *La Marjolaine*, que tinha escapado pelas malhas da cerrada rêde dos traductores d'officio. Verdade é que precisos foram dois homens para a traduzir e pôr a lume, mas como conseguiram trazel-a a boa agua e dar-lhe viagem facil, louvados sejam pelo empenho. Se não novas, que venham ao menos coisas não vistas.

A historia da *Mangerona* é simples, infantil e banal a ponto de fazer chorar um vitello de mãmma. Palamede fazia parte de um club de solteirões que tinha por fim ser o «terror dos maridos». Nenhum socio se podia casar. Não

entendemos muito bem porque, apesar d'isso, este Palamede se casa com Mangerona, prometendo respeitar-lhe a sua virgindade (segundo, ao que parece, o estatuto do tal club), para evitar com esse casamento que essa virgindade seja aproveitada por alguém menos digno da rapariga (não tendo então já medo do regulamento do club que mandava atraçoar todos os maridos). E' assim que Mangerona, casada, continúa ganhando uma medalha de honra que a Camara confere todos os annos ás donzellas mais honestas. O club dos solteirões vem em peso e de passeio áquella terra, o que prova que não é d'hoje a idéa das excursões de clubs ao Samouco e Matacães e, vestidos de papagaio (fatos de um gosto duvidoso em verde ás risquinhas), descobrem a artimanha de Palamede e juram vingar-se. Faz-se uma aposta sobre a virtude de Mangerona que aparentemente se deixa seduzir por um dos conquistadores e as riquezas todas do pateta do marido (em que Joaquim Costa reproduz a cara do Mongini) passam para o rival. Resumo: o Palamede faz-se creado do seu successor e a Mangerona vae vender relógios em companhia de um Frickel com quem, em meninos, havia trocado beijos ás escondidas. Lá se arranja tudo no fim; a Mangerona está pura, o marido honorario desiste d'ella e divorcia-se, e ella casa então a valer com o relojoeiro que amava.

A musica é alegre e tem alguns numeros apreciaveis; não é entretanto do melhor Lecocq. Sobresaem o duetto do 1.º acto, uma canção do 2.º, uma arietta de Frickel e dois duettos.

Do desempenho colloca-se em primeiro lugar Rosa Paes a quem ainda no passado numero tive occasião de me referir com louvor. Muito afinadinha, com graça e desinvoltura, Oxalá não lh'estonteiem a cabeça. Se tiver bom senso e são criterio deve medir bem o alcance da manifestação do publico que, no duetto do 1.º acto, tanto a distinguiu da actriz com quem o cantou e que entretanto é, ao que se diz, a *estrella* tão reclamada do theatro Estudando e sendo modesta, deve alcançar em breve o logar que parece ha de vir a merecer com justiça. Do que ella precisava agora era de um mestre bom que a ensinasse com amor e consciencia.

Lucinda do Carmo cantou bem e disse melhor a canção do 2.º acto. Quanto ao resto já sabiamos que não pode ella com uma operetta, por mais insignificantes que sejam as exigencias que de uma actriz ella reclame. Com uma só nota e com um só gesto (encruzar os dedos das mãos levantando estas á altura do peito e deixando-as descair sobre o ventre) nunca vimos actriz alguma ganhar os galões de chefia em companhias de canto.

Dos outros que diremos? São tão tolos os papéis. Vão bem? Vão mal? Talvez sejam assim e talvez não sejam, quem sabe? Pouco ha que prescrutar ali dentro.

¹ DISTRIBUIÇÃO: = *Mangerona*: Lucinda do Carmo. — *Avellina*: Emilia Rochedo. — *Palamede*: Joaquim Costa. — *Peterschop*: Silva Pereira. — *Annibal*: Pedro Cabral. — *Frickel*: Rosa Paes. — *1.º Escoublo*: Azevedo. — *Schaerbeck*: Gomes. — *O burgomestre*: Nobre. — *Um pregoeiro*: Sequeira. — *Karl*: Hortense. — *Petrus*: Libania. — *Christophe*: Iria. — *Robert*: Judith. — *Frantz*: M. Paes. — *Christiano*: E. Abreu. — *Um criado*: Santos. — *1.º escrivo*: Ricardo. — *2.º dito*: Bragança. — *Burguezes e burguezas, criados, alabardeiros, cornetas, camponezes e camponezas, homens e mulheres do povo, pagens, etc.* — A scena passa-se em Flandres, seculo xvi.

Os fatos, do «nosso primeiro *costumier*» (chá-vão), são de pessimo gosto e todos desafinados. E' pena porque a sociedade artistica parece ter querido apresentar a peça decentemente posta. Cabe-lhe todos os elogios, e se o Valle, como representante d'ella, veio ao palco agradecer os applausos por esse facto, merece tambem os meus e incondicionaes porque a responsabilidade do que acima noto não lhe pertence.

Tambem houve palmas aos traductores e—o que é mais—vieram elles tambem ao palco agradecer-as.

J. M.



CORRESPONDENCIAS

DE MADRID -- Julio, 22.

Fracasos é imitaciones. — *Una notte del deserto.*

Cuando gustabamos de los equívocos, nos complacian las palabras de doble sentido, nos hacian guiñar maliciosamente los ojos las picardias de lenguaje, y soliamos extasiar-nos ante el espectáculo de una comedia sin argumento ni proposito fijo, ciertos autores que no es del caso nombrar, alcanzaron justo renombre, y hasta despejaron con la sal de sus ocurrencias las nieblas de muchos ánimos malhumorados.

El tiempo lo modifica todo: lo mismo la buena fe del *burgués* que concurre al teatro, dispuesto á hacerse lenguas de cualquier fruslería, dicha desde las candilejas, que la medida intelectual del ente bonachón y propenso á celebrar cuanto escriben los más de nuestros poetas cómicos.

La característica del gusto literario pide hoy al género ligero carcajadas que dañen las mandíbulas del espectador y sonrisas algo forzadas que le hagan meditar. El *humorismo* asoma en las costumbres, y quienes ganan el pan suyo de cada dia discurriendo obras *jocosas*, han de pensar hondo sin apartarse de lo real y prometiéndose llevar á buen término empresas estéticas que nos procuran alguna enseñanza del mundo. Han de pintar las relaciones *convencionales* de la vida social, sin caer en bajeza, y aspirando á llegar á lo ideal, deformar deben con la risa las ridiculeces y los vicios generales de los hombres.

En punto á doctrina, creo que imperando un pesimismo limpio de trasnochadas lamentaciones, ó sea el humorismo que rie de todo, siendo asi que en el fondo todo lo llora, humoristas han de ser á todo trance los poetas cómicos *de raza*, aunque para ello tengan necesidad de aguzar el ingenio, lo único que regatea la naturaleza.

Celso Lucio y Arniches, á los cuales no puede negar-

seles alguna facilidad de rimadores, — poetas no lo son ni á tiro de cañon rayado y donaire demasiado basto, digamoslo así, han de quedarse rezagados de no ensanchar la esfera de su procedimiento artistico é interesar poco á la critica, por existir en las más de sus comedias elementos vulgarisimos que no tienen las cualidades establecidas en lo cómico. Reconozco, empero, que nuestro público carece de cultura para servirle obras como *Paris fin de siglo*, y que es peliagudo el intentarlo.

Las malas lenguas, zarzuela representada por vez primera en el teatro de Apolo, no ofrece donaire, carece de frescura de estilo y no acusa ningún conocimiento de la mecánica teatral. La acción es monotoná; el asunto se me antoja pobre; los chistes son rebuscados y las situaciones no honran la *virtus cómica* de Celso y Arniches, ni la de nadie. Es la tal zarzuela el eterno equívoco sostenido arbitrariamente, y comprueba, una vez más, la necesidad que existe de renovar pronto nuestro teatro, amenazado de muerte por el lirismo hueco de los dramaturgos y por las tonterías de los poetas cómicos, que consiguieren todo en la escena menos el hacer reir al público.

*

Si Cristo pasó del poder de Caifás al de Pilatos, yo que no tengo nada de redentor, he pasado desde *Las malas lenguas* á *La lista oficial*, otra zarzuela original de los srs. Casero y Pueyo, que causó las delicias de los concurrentes al teatro de Maravillas, y como no he venido á la tierra para compadecerme de los literatos adocenados, confieso ingenuamente que las dos obrillas no merecen el honor de haber sido representadas, ni menos aún los elogios que la critica anónima les ha prodigado en los periódicos.

El asunto de *La lista oficial*, está más manoseado que moneda antigua; el plan no obedece á una idea fundamental con relación esta á las accesorias, y el desarrollo peca de lánguido y desproporcionado. Lo mejor es el diálogo y los tipos, pero están tomados de las populares composiciones de López Silva.

El ingenioso autor de *Los barricos bajos* es un observador concienzudo de las costumbres del pueblo madrileño, y un poeta correcto y facil que narra con gracejo la vida de los chulos. No los retrata, que en los retratos cabe el retocarlos, convirtiendo el modelo repugnante en agradable fotografía. Artista ante todo, persigue la realidad sin presentarla demasiado desnuda; escritor sincero, pinta empleando tonos justos, y en ocasiones medias tintas que dejan ver el cuadro; moralista sin alarde, odia al *chulo* y lo pone en ridiculo; hombre de mérito positivo, es modesto é hijo de estos tiempos espetados y calamitosos que corren; demuestra en sus versos que la amargura le envenena algunas dichas.

Los srs. Casero y Pueyo siguen los pasos de López Silva sin acordarse de la sentencia de Horacio: *imitator servum pecus*, y como dada su juventud, algo pueden intentar sin ceñirse á ningún patrón literario, me tomo la libertad de apuntarles el aforismo que dice: «nunca segundas partes fueron buenas». Los imitadores los comparo á los cuerpos opacos, y la comparación es exacta. Como la luna, reflejan una luz que no es suya, y en literatura, los hombres pantalla no llegan

De la inmortalidad
Al alto asiento...

ni á ninguna parte.

*

Los más de los músicos modernos atienden y cuidan con excesivo esmero de la instrumentación y el colorido, sin advertir que la gloria fundada en semejante habilidad casi mecánica, es una gloria coja. En el arte, la forma sencilla y primorosa asegura la mitad del acierto con que sueña el poeta, más de no ir acompañada de las ideas, su deseo no se convierte en realidad, y si en amarga defeción, pues no consigue las caricias de la Fama. El músico que no concede importancia á las ideas melódicas, cae forzosamente en la oscuridad y en una pobreza de imaginación que no puede disimular la orquestación más esplendida. En fuerza de encubrir un esqueleto con amplio manto de púrpura, se pasa de la grandeza artificial á la ampulosidad que inutilmente quiere simular la firmeza de la inspiración, y cuantos adquieren tan dañosa costumbre, no sienten en su alma el fuego sagrado con que la naturaleza dota á los encargados de expresar la belleza.

El maestro Urien pertence al numero de los que prefieren lo exterior aparatoso al fondo lleno de calor, pero confieso que el defecto principal de su desacierto radica en haber elegido un *libretto* soso, tonto y sin interés dramático. Cuando el poema denominado musical está falto de poesia e de movimiento escénico, no hay medio de realizar una obra de merito, aun que al compositor le sobre el talento.

Con eso y con todo, el prelude de *Una notte nel deserto*, la escena del sueño en el primer acto y el duo de tiple y tenor en el segundo, se recomiendan por su melodía y por la excelencia de la instrumentación, y tan es así, que valieron á nuestro compatriota algunas llamadas á la escena.

Si la primera obra dá la medida de la capacidad estética de un autor, la de Urien anuncia un compositor de valia en cuanto se vea libre de ciertas exajeraciones naturales en quien como él, sacrifica su personalidad ganso de seguir determinadas *modas* artisticas que ejercen pasajera influencia en el gusto del publico.

E. ALONSO ORERA.

DE PARIS, 18 de Julho.

Os theatros fechados—A futura epocha theatral — O *Messidor* — O que os grandes maestros francezes preparam — A exposição dos theatros — Util e agradavel — Peças futuras da Comedia Franceza — Novas revistas do anno — *Reprises* pouco interessantes — Wanda de Boncza e Lara na Comedia Franceza — Noticias varias

Com os theatros fechados, com *reprises* estafadas, o que querem os leitores que eu lhes conte d'este grande

centro d'actualidade humana, d'esta fornalha intellectual de Paris! Não temos outro remedio senão fazer o que fazem os outros chronistas theatraes: fallar das representações que hão de ter logar em vez d'aquellas que tiveram logar.

A futura estação theatral de Paris promette ser brilhante, se os directores dos theatros fallam com sinceridade e se ao mesmo tempo cumprirem o que promettem.

Principiaremos pela criação d'um novo theatro lyric municipal que será installado ainda não sabemos em que casa d'espectaculos, até que se construa uma apropriada com todos os requisitos dos theatros modernissimos.

O grande *clou* da Grande Opera vae ser em setembro o *Messidor*, obra d'Emile Zola e musica de Alfred Bruneau, o compositor do *Ataque du Moulin* e do *Rêve*. Os srs. Gaillard e Bertrand, directores da famosa Academia de Musica, tencionam tambem pôr em scena, de novo, o *Don Juan*, em que se fará ouvir M.^{me} Deschamps-Jehin.

E as obras dos novos maestros? Que de projectos, e sobretudo que de bellos projectos? Gaston Salvayre trabalha na partitura do *Sala-hEd-Din*, poema de Bocage e Paul Ferrier em que se trata da 2.^a cruzada, quando os mouros retomaram Jerusalem. O mesmo maestro está orchestrando a sua nova opera *Myrto*, extrahida d'um drama de Shakespeare.

Victorien Joncières completou uma opera em 3 actos, *Lancelot*, poema de Louis Gallet e Blau, que deve ser cantada ainda este anno na Grande Opera.

O novo director do Conservatorio, o maestro Dubois terminou uma opera *Circée* e uma legenda musical *Notre Dame de la Mer*. A Opera Comica que, ao começo tinha recusado a opera anda agora muito desejosa de a apanhar para o seu repertorio.

Samuel Rousseau terminou uma opera comica *Legendes du Rhin*, poema de Georges Montorgueil e Gheusi. O maestrino Audran tem duas peças promptas *La Poupée* para o theatro da Gaité e as *Petites Femmes* para o Palais Royal e está terminando: *Monsieur Lohengrin* para os Bouffes e a *Reine des Reines* para o Eldorado. Charles Lecocq está orchestrando uma opera comica em dois actos *Chevrier* e terminou outra opera comica *Renza*. Lecocq vae retocar a *Filha da M.^{me} Angot* que deve subir á scena de novo n'um dos theatros de Paris, este inverno, com varias scenas e numeros de musica novos.

*

Prepara-se para breve uma grande exposição de theatros no Palacio da Industria nos Campos Elysios. O *vernissage* será em breve, antes do fim do mez. Na nossa proxima chronica fallaremos detidamente d'esta maravilhosa e tão completa manifestação artistica internacional.

Ali terão logar todos os dias as mais curiosas representações de *troupes* artisticas, o theatro historico de todos os generos, para estudos. O util ao agradavel, como só em Paris se sabe organizar tudo isso, sem cahir em sensaborias pedantes.

Esta exposição de theatros é uma preparação para uma outra muito maior e muito mais completa que se prepara para o anno da Exposição Universal.

VARIAS NOTICIAS

— Na Comedia Franceza estão esperando leitura nos archivos do *comité* 75 actos ineditos, que foram recebidos pela direcção e que representam cerca de 20 e tantas peças, porque se trata de muitas comedias n'um acto e dramas em dois actos.

— Teem estado brillantissimos os festivaes de Saint-Saëns, na Exposição de Rouen.

— Grande successo no *Olympia* com a bem conhecida operetta de Offenbach *Bagatelle*. O principal papel vae brillantemente representado e cantado por Michelina.

— Em outubro, na Comedia Franceza, a primeira representação do novo drama de Paul Hervieu, *La loi de l'homme*. N'esta peça ha cinco papeis de homens e cinco de damas. A acção passa-se em Paris e em Deauville. Os papeis mais importantes vão ser confiados a M.^{elles} Bartet e Wanda de Boncza e ao actor I.e Bargy. Espera-se um successo.

— O theatro dos *Menus Plaisirs* foi vendido em leilão por um preço muito rasoavel. Este pobre theatro anda com a macaca ha annos a esta parte.

— O grande successo do *Chatelet* é a *Viagem á volta do mundo em 80 dias*.

— No *Folies Dramatiques* a operetta *La Falote* está na 120.^a representação, com enchenes todas as noites.

— Foi recebido pelo empresario do Ambigu um novo drama *La corde au cou*, de Edgar Pourcelle.

— O sr. Wouters, o professor da classe de piano no Conservatorio de Bruxellas, acaba de publicar um volume: *Prelúdes et Fugues reunis en un recueil: clavecin bien temperé*. É um livro indispensavel para todos os professores de piano, porque retira todas as duvidas nas interpretações dos signaes e dá as notas exactas.

— No concerto da *Cigale* representa-se agora uma revista do anno interessantissima: *Voyons mon ange*, — remoque engraçado ao anjo Gabriel da rua do Paradis. Os quadros mais interessantes são: o congresso feminino, os policias cyclistas, o suicidio de Lyane de Pougy, etc. O ultimo acto termina com uma batalha de flores entre os artistas e os espectadores.

— O esculptor Mercié terminou o busto de M.^{me} Carvalho e o busto de Gounod. A esposa do director da Opera Comica, uma das mais celebres cantoras da Opera, está representada pelo artista, de pé, em extasis religioso quando no *Fausto*, no papel de Margarida, ella se fazia tanto applaudir, ao cantar: *anges purs, anges radieux*. Na base do busto de Gounod veem-se as tres heroínas das suas grandes composições: Margarida, Julieta e Sapho.

— A ultima obra de Massenet, *Le Cendrillon*, deve abrir n'este outomno a estação lyrica da Opera Comica. Os dois principaes papeis serão cantados por M.^{elle} Delna e o cantor Fugère. O papel de *prince charmant* será desempenhado pela gentil M.^{elle} Lejeune. O corpo de baile será augmentado.

— A proposito de Massenet, o celebre maestro encontra-se n'este momento em Constantinopla, onde escreve uma opera expressamente para a côrte da Roumania. A rainha é que escreve o libretto.

— M.^{elle} Lara, da *Porte-Saint-Martin*, uma das ultimas alumnas mais altamente premiadas do Conservatorio, entra em outubro na Comedia Franceza.

— No *Theatre Dejazzet*, continua o grande successo da comedia *Tous Criminels*.

— A magica *La Montagne Enchantée*, que vae ser representada na *Porte-Saint-Martin*, deve custar á empreza, segundo os ultimos calculos, 175:000 francos. No mesmo theatro deve depois subir á scena um novo drama de Georges Ohnet, *Le Colonel de Roquebrune*, episodio dos cem dias. Napoleão e tambem figura na peça.

— O drama lyrico de Leconte de Lisle, *Les Erinnyes*, vae entrar em ensaios na Comedia Franceza.

XAVIER DE CARVALHO.



AS NOSSAS GRAVURAS

ELLEN TERRY

Miss Ellen Alice Terry nasceu em Coventry no mez de fevereiro, em 27, de 1848, mez em que tantas outras celebridades teem visto a luz do dia, como Wordsworth, Ruskin, Charles Dickens, Abraham Lincoln, Rossini, Joseph Jefferson, Victor Hugo, Handel, Longfellow, J. R. Lowell, George Washington, Cardinal Newman, Henry Irving, etc.

— Meu pae e minha mãe — conta Miss Terry — representavam pelas provincias quando eu lhes nasci em Coventry. Pouca gente sabe que minha mãe, aos 18 annos, representava com Macready o *Hamlet* fazendo ella o papel de rainha. Dava elle uma rasão muito curiosa do motivo por que gostava de representar com ella. Era porque ella não espetava muitos ganchos no cabello, o que lhe evitava as arranhaduras que as outras lhe faziam quando era forçado na scena a afagar-lhe a loira cabelleira. Eu debutei aos seis annos e meio no Princess's Theatre, de que era então director Mr. Charles Kean.

Todos viam na pequenina Nelly a futura actriz, mas esta revelou-se, com um grito, da seguinte maneira:

Ellen representava um papel em que tinha de enroscar uma cobra ao pescoço e dar um grito. Este teve uma tal expressão de verdade que levantou a sala.

Miss Terry appareceu depois no Royalty e Haymarket Theatres. Já então o seu trabalho era seguido com attenção pela critica.

Veiu em seguida a sua primeira representação com Irving. Foi no antigo Queen's Theatre em *The Taming of the Shrew*, (*Féra domesticada*). Depois de sete annos de ausencia do theatro, representou por algum tempo outra vez no Queen's, no Prince of Wales e no Court, até que em 30 de dezembro de 1878 appareceu pela primeira vez com Irving no Lyceum, onde ha quasi dezoito annos as suas creações se contam pelos successos e onde tem sido a cooperadora inseparavel dos grandes successos de Irving.

De toda a enorme galeria dos seus personagens shakespeareanos os que Ellen Terry prefere são *Ophelia*, em que fez o seu debute, e *Beatrice*.

Hoje é sem contestação a primeira actriz ingleza e tem como Irving um nome respeitado em toda a Inglaterra e uma grande popularidade.

EPHEMERIDES DO MEZ DE JULHO

- 3 — **Theatro da Trindade:** Estreia da companhia dirigida pelo actor José Ricardo, do Porto, com *Os sinos de Corneville*. Pag. 227.
- 4 — **Theatro D. Amelia:** Pela companhia portugueza d'operetta, *reprise d'A Grã-duqueza de Gerolstein*. Pag. 228.
- 9 — **Theatro do Principe Real:** *Reprise d'O correio de Lyão*. Pag. 227.
- 15 — **Theatro D. Amelia:** *A Mangerona*, operetta em 3 actos de Vanloo e Letterrier, musica de Ch. Lecocq. Pag. 243.
- 16 — **Real Coliseu de Lisboa:** Estreia da companhia lyrica dirigida pelo artista de canto Joaquim Tavares: *A Favorita*. Não agradou.
- 24 — **Theatro da Trindade:** *Os filhos do capitão-mór*, operetta em 3 actos do sr. E. Schwalbach, musica dos srs. Augusto Machado e Thomaz del Negro. Pag. 242.

ACTORES CELEBRES

I

HENRY IRVING

Encetamos hoje o estudo que prometteramos sobre a maneira de representar d'este grande actor, celebre por ser o verdadeiro revivificador do assombroso repertorio shakspeareano na scena ingleza.

No numero passado demos o seu retrato acompanhado d'uma *interview* em que o leitor o colheu no seu *home* que hoje tanto gosta de se devassar a quem no mundo tem um nome conhecido. Agora inserimos a historia da sua vida theatral e a analyse dos seus processos artisticos de que tantos bons exemplos ha a aproveitar.

Na City, havia uma escola de declamação frequentada pelos amadores da arte dramatica e que se chamava *The City elocution class*. Dirigia-a um certo Henry Thomas pelo processo d'ensino mutuo a que ligou o seu nome Pestalozzi; assim que cada discipulo acabava de recitar um trecho, os outros camaradas tomavam a palavra e criticavam a sua maneira de declamar, os seus defeitos d'emissão ou de pronunciação, o accento e a expressão; o professor resumia estas criticas e decidia em suprema instancia. De vez em quando havia representações publicas. Foi n'essa escola que, ahi por 1853, appareceu um extraordinario e sympathico rapaz.

Uns olhos cheios d'intelligencia illuminavam traços de uma delicadeza feminil. Usava ainda jaquetinha e largo collarinho branco e cabellos compridos que, encobrendo-lhe o pescoço, lhe descancavam sobre os hombros. Tinha 14 annos e era empregado em uma casa que fazia commercio com a India oriental. A sua primeira infancia houvera-a passado n'um canto solitario de Somerset, entre marujos e mineiros. A bibliotheca de que dispunha apenas continha tres livros que elle tinha devorado: a Biblia, um *Don Quichotte* e uma collecção de balladas antigas. D'essas terras d'oeste onde a alma chimerica do Celta deixou alguma coisa dos seus devaneios, foi elle, aos onze annos, transportado para uma estreita casa de Londres situada n'um dos bairros mais centraes onde a vida mais formiga e se amalgama. Dois annos de collegio, a aprendizagem commercial, e, para sempre, a vida regular do escriptorio. Como é que em taes condições, se declarou em Henry Irving a vocação theatral? Talvez elle o diga um dia e se o disser ha-de dizel-o admiravelmente. O que é certo é que essa manifestação uma vez rebentada nunca mais hesitou, nunca mais se demoveu. Estamos em presença de uma d'essas vidas raras tão bem ordenadas com mira n'um fim unico e dirigidas por uma vontade tão firme e tão segura de si mesmo que n'ella se não surprehende um só minuto nem um unico esforço que seja perdido.

O joven Irving frequentava o theatro de Phelps; um velho actor que fazia parte da companhia de Sadler's Wells, David Hoskyns, deu-lhe algumas lições e quando foi para a Australia deixou-lhe uma carta de recommendação com o nome do destinatario em branco. Phelps quiz escriptural-o, mas o debutante Irving não se julgou digno d'essa escriptura e quiz principiar o seu noviciado pela provincia. Com certeza presentia já claramente a maxima que mais tarde havia de formular:— «A unica maneira de aprender a fazer uma coisa, é fazel-a.»—e que é uma das phrases mais inglezas que em Inglaterra se tem dito.

O cartaz do Lyceum de Manchester de 26 de setembro de 1826, traz o nome de Henry Irving, que fazia n'essa noite o *Duque d'Orleans* no *Richelieu* de lord Lytton. Passou d'ahi a Edimburgo e em 3 annos representou 428 papeis diferentes. Em 24 de setembro de 1859 debutou em Londres no *Princess* n'uma adaptação do

Roman d'un jeune homme pauvre n'nm papel de seis linhas. Que havia de fazer? Dizer essas seis linhas todas as noites até ficar demente? Preferiu quebrar o contracto, mas antes de voltar para a provincia fez em Crosby-hall, duas leituras que deram occasião ao *Daily Telegraph* e ao *Standard* de lhe prophetisarem uma bella carreira. Mais sete annos d'estudo e de exito no theatro de Glasgow, de Manchester e de Liverpool e, posto em evidencia por um papel que creou em um drama de Dion de Boucicault, eil-o que põe pé emfim e solidamente no Saint-James d'onde passou para o Queen's depois para o Vaudeville e finalmente para o Lyceum.

Muita gente se ha de lembrar ainda de uns celebres cartazes com que o actor Sothern cobriu quasi todas as paredes de Paris durante a exposição de 1867 e em que figurava lord Dundready com uma enorme sobrecasaca e um chapéu alto todo inclinado sobre o monoculo encravado no canto do olho. N'essa companhia nos apparece, ainda em segunda ou terceira linha, o nome de Henry Irving.

E' que ha, muitas vezes, duas phases distinctas no successo de um actor. A primeira é aquella durante a qual se conquista a gente do officio. Ora a gente do officio guarda algumas vezes o segredo de qualquer talento que descobre com uma rara unanimidade e assim se retarda o segundo periodo, que é o do exito definitivo em frente do grande publico. Irving estava ainda no primeiro periodo quando representou *Digby Grant* na *Two Roses* de James Albery. *Digby Grant* é um *gentleman* com ares de distribuir favores quando apenas recebe esmolas; uma extraordinaria miscelanea d'orgulho e de baixaza, de velhacaria mentirosa e de insolencia descarada. A scena que abre a peça em que elle leva a mulher que lhe aluga o quarto e que furiosa lhe exige o pagamento do seu aluguer, a emprestar-lhe ainda por cima e sem lhe pagar o que ella reclama, vinte libras, é tão brilhante que quasi obriga a uma lisonjeira comparação com a scena de *D. Juan* e de *M. Dimanche*. Infelizmente o resto da peça não corresponde ao começo d'ella. E' um tumulto de palavras, uma confusão de scenas, entrecortadas aqui e ali com preciosidades banaes occupando mal o logar dos sentimentos. Todavia a voga da peça foi extraordinaria e era tal o gosto que o publico grosso d'esse tempo tomou por ella que dois ou tres actores que representavam lhe chamaram ainda

mais a sua attenção do que o proprio Irving. Na 291.^a representação de *Two Roses* recitou elle o «sonho» d'Eugenio Aram e isso foi uma verdadeira revelação. O-que elle exprime nada é a par do que elle suggere. Tendo todo o dominio da vida, tem ainda o *à-côté* e o *au-delà*, a região invisivel e a desconhecida.

Não só Irving conseguiu dar ás palavras mais sentido do que ellas tinham, mas ainda podia pensar o contrario do que as palavras diziam que o publico entendia a idéa d'elle atravez das palavras que a negavam. N'este momento critico e decisivo da sua carreira um acaso feliz lhe poz nas mãos a peça que lhe era precisa, peça que lhe permitiria mostrar esse maravilhoso e terrivel dualismo da palavra e do pensamento, do homem interior e do homem exterior. Essa peça era *The Bells*, uma traducção quasi litteral do *Juif polonais* d'Erckmann-Chatrian. Irving comprou o manuscrito, offereceu-o ao seu director Bateman que o ensaiou como quem joga uma cartada. Irving fez *Mathis* e uma só noite bastou para de actor de merecimento passar a actor de genio. Clement Scott correu ao seu jornal e redigiu um artigo por tal forma entusiasta que no dia seguinte o director do *Daily Telegraph* lhe perguntou por brincadeira «quem era esse Irving?». O artigo de John Oxenford, no *Times*, analysava com uma penetração notavel o poder suggestivo do artista e o prodigioso desdobramento d'elle, a que atraz me refiro. *Mathis* apparecia-lhe, n'esse quadro idyllico onde tudo corre bem e tudo sorri, trazendo em si um mundo de terrores onde tudo é tortura e castigos. Os sustos do 2.^o e do 3.^o acto não se comprehenderiam e falhariam o effeito se no 1.^o acto elle os não fizesse pressentir pelo olhar, pelos sobresaltos, pelos silencios repentinos, pelo indefinido não sei quê que incobre o culpado de um frio de morte sob o alegre sol da manhã. O artista devia no curso da sua esplendida carreira demonstrar muitas outras faculdades, percorrer soberanamente todos os dominios da arte; mas é verdade que foi pela suggestão psychologica, pelo medo physico e metaphysico que ganhou a sua primeira grande batalha theatral.

Sucedeu a *The Bells* o *Charles I* de Wills. Do estalajadeiro alsaciano a Carlos Stuart havia uma distancia enorme, um salto de quebrar os rins. Irving levou-o a effeito e sem grande esforço apparente. Era o perfeito retrato de Van Dyck

apeiado da sua moldura, o parecer frio e melancolico, o olhar altivo e triste, o amargo sorriso sob o arrebitado bigode, a fronte palida cruzada de veias azues e que lhe impunha o sello da predestinação. Parece que o estou vendo ainda brincando sobre a relva de Hampton Court, e esmagando depois Cromwell com o seu real desprezo. Oiço ainda a accentuação da celebre phrase: . . . *Who's that rude gentleman?* Tenho diante dos olhos o grupo de Carlos abraçando a pequenina Henriqueta e o seu irmão-sito mais novo, na commovedora scena dos adeus. Depois, no cemiterio d'aldeia, lobrigó ainda uma comprida figura, o negro phantasma de Eugenio Aran, o assassino philosopho, que obriga a propria rasão a lutar com os pesados remorsos. . . N'esses annos fecundos as creações succediam-se rapidas, diversas, admiraveis. Finalmente em 31 d'outubro de 1874, Irving fez o *Hamlet*

Foi a sua Marengo; a batalha parecia perdida até ao 3.º acto. Devia ser terrivel a angustia do artista. A sala estava muda, gelada e esse frio communicava-se-lhe. No 3.º acto tudo mudou. A partir da scena dos comediantes e da descripção das pinturas imaginarias, a noite foi um triumpho continuado. O publico tinha diante de si um *Hamlet* que nunca tinha visto e que nunca poderia phantasiar, todos os *Hamlets* que tinhaw até então apparecido em scena reunidos em um só, harmoniosamente fundidos na unidade de um temperamento original e potente. *The Bells* tinha tido 151 representações; *Charles I*, 180; *Hamlet* encheu durante 200 noites consecutivas a sala do Lyceum. Irving fez então o *Richelieu* de Lytton em que tinha de lutar com a recordação de Macready. No fim do espectáculo toda a sala se levantou; os homens agitavam os chapéos com transporte no meio de *hurrahs* freneticos. Não se tinha visto coisa semelhante em theatro inglez havia mais de meio seculo; consagrava-se emfim Irving como successor de Kean. Para completar esta consagração a espada que no *Ricardo III* lhe batia o flanco era a que Kean trazia n'esse mesmo papel, e o anel que lhe brilhava no dedo era o de Garrick. O seu collega Chippendale do Haymarket houvera-lhe dado a espada; o anel era presente de lady Coutts. Eram como que as insignias da sua realza.

Conclue.

AUGUSTIN FILON.



«VADE-MECUM» DO ACTOR

MAXIMAS E CONSELHOS PARA MEDITAÇÃO QUOTIDIANA

LXI

É a natureza que dá as qualidades pessoases, a figura, a voz, o discernimento, a finura;—mas é o estudo dos grandes modelos, o conhecimento do coração humano, a pratica do mundo, o trabalho assiduo, a experiencia do theatro que aperfeçoam esse dom da natureza.

DIDEROT.

LXII

Se o vosso character é mesquinho nunca tereis acção larga.—Sois vaidoso; se a vaidade não for fundamentada, fará rir.—Só os pequenos se levantam sempre nas pontas dos pés.

DIDEROT.

LXIII

O character proprio de um grande actor é o não ter character; que domine n'elle uma paixão e todas as outras obedecerão a essa.

STICORTI.



ESTUDOS E DOCTRINAS

ORIGEM DA ARTE DRAMATICA

(Estudo historico-litterario)

Continuado de pag. 169

CAPITULO IV

Dassance, na 1.ª pag. do Tomo I da sua Litteratura diz:

«O antigo facho das sciencias e das letras, acendido na India e na Persia, no Egypto e na Grecia, em parte alguma brilhou com um esplendor tão vivo, tão fecundo, como n'esta ultima região. Ainda que *imitadora do Oriente*, a litteratura grega, tornou-se para os romanos, para a idade-média, e para as nações modernas, uma litteratura original: d'um lado ella foi um reflexo, do outro uma grande luz. . . »

Em parte estamos d'accôido, n'este ponto, com o pensar do illustre escriptor; faremos tão sómente a seguinte reflexão:

Se a litteratura grega, foi realmente imitada da do Oriente, como foi, ella não se podia tornar rigorosamente original; ainda mesmo sobrelevando-se áquella que imitava.

E' certo que a Grecia brilhou com grão fulgor, nas artes, nas sciencias e nas letras; mas o que tambem se não póde negar, é que todos, ou quasi todos os seus conhecimentos, foram bebidos directa ou indirectamente da India; e que nas sciencias mesmo, os indios se sobrelevaram aos gregos.

Entre os indios, segundo o sabio orientalista Paulin de St. Barthélemy, a maior parte dos livros, escrevem-se em verso.—A astronomia, a medicina, a historia tudo se canta.

Segundo Strabão, tudo o que se compunha entre os gregos, na primitiva, compunha-se igualmente em verso.

As primeiras, e mais antigas obras dos indios, são os Vêdas, divididos em quatro partes:—O Ritch, o Yadjuch, o Sâma e o Atharvana.—Estas quatro partes, formam uma numerosa collecção de tratados relativos á maior parte das sciencias divinas e humanas.

N'estes livros, encontram-se: os systemas theogonicos e cosmogonicos; hymnos em honra do Ente-Supremo, e das intelligencias inferiores; os preceitos moraes, religiosos e sociaes; as regras e ceremonias do culto, e todas as praticas que lhe dizem respeito.

Cada Vêda, divide-se ainda em duas partes comprehendendo:—a primeira, os Mantras, ou orações; a segunda, os Brâhmanas, ou preceitos.

O nome de Sanhita, dá-se á reunião completa dos hymnos, orações e invocações pertencentes a cada Vêda.

Os tratados intitulados Upanichads, isto é, sciencia-divina, encerram a parte argumentativa; ou védânta, da theologia das escripturas indias.

O Mânava-dharma-sâstra, ou as leis de Manu, é, até certo ponto, o resumo dos Vêdas.

Ha ainda quatro Upavêdas, ou sub-vêdas, encerrando as noções de medicina, de musica, d'arte militar, e das artes mechanicas.

Os Angas, em numero de seis, encerram a astronomia, a grammatica e a prosodia; contendo tambem commentarios sobre as passagens obscuras dos Vêdas.

Aos seis Angas, seguem-se quatro Upangas:—o primeiro, contem os desoito Purânas, poemas compostos para a instrucção e para o re-

creio do homem; o segundo, trata das facultades intellectuaes: o terceiro, dos deveres prescriptos pelo religião e pela moral; o quarto, é o codigo das leis civis e criminaes.

Além d'estes, ha ainda dois livros reputados tambem sagrados: são duas composições épicas; o Mâha-Bhârata, attribuido, como os Purânas, ao poeta Vyasa; e o Râmâyâna, do poeta Valmiki.

Qual é, porem, a antiguidade das obras que acabamos de enumerar?

A resposta não é muito facil; pelo menos precisamente, não sabemos dar conta da sua data.

Hollwell e Alexandre Dow, elevam a antiguidade da composição dos Vêdas, a cinco mil annos; e a dos Purânas, a tres mil e quatrocentos.

Os Brâhmanes, segundo Clavel, já cinco seculos antes da nossa era, assignalavam dois mil annos d'existencia á maior parte d'estes escriptos;—escriptos compilados, diziam elles, sobre obras anteriores.

E que obras seriam essas, sobre as quaes os Vêdas foram compilados?

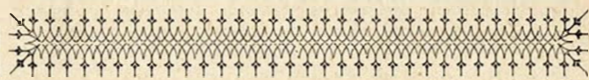
Desde quando a sua antiguidade?

A solução de tal problema, levar-nos-hia á mais profunda noite dos tempos!

Embora; sondemos sempre.

Continúa.

LICINIO F. C. DE CARVALHO.



VARIEDADES

O QUARTO CENTENARIO DA DESCOBERTA DA INDIA

Do programma geral das festas que se intentam para em 1867 celebrar o anniversario de um dos mais grandiosos factos da nossa historia, extrahimos a parte que a nós e aos nossos leitores mais pode interessar e que diz assim:

9.º A mesma commissão promoverá entre artistas nacionaes, á sua escolha, a elaboraçã e execução:

- a) De um hymno e marcha triumphal;
- b) De um drama historico de entredo portuguez;
- c) De uma opera ou drama lyrico portuguez;
- d) De diversas composições pictoricas e esculpturaes, que devam contribuir para a celebração ou affirmar n'ella a arte nacional;

e) De concertos e certamens musicas portuguezes. § unico. Igualmente a commissão promoverá a organisação de concertos de musica antiga portugueza e a re-

apresentação de algumas composições do antigo theatro nacional.

Já um jornal italiano escreve que, ao premio destinado ao maestro portuguez que escrever a melhor opera para o centenario da India, concorrem os srs. Augusto Machado, visconde do Arneiro, Alfredo Keil e Miguel Angelo.

Sussurrava-se por ali que ao premio á melhor obra dramatica se propunham os srs. D. João da Camara, Lopes de Mendonça, Marcellino Mesquita e um escriptor portuense.

Todavia nada d'isto parece ser exacto ou não ter logar de ser, a dar credito ao seguinte que lêmos na *Tarde*:

«O hymno centenal está incumbido aos srs. Augusto Machado e Fernandes Costa.

O sr. Keil apresentou parte do orçamento para uma opera.

O sr. Lopes de Mendonça, que fôra convidado a fazer o drama historico, apresentou as suas condições.

Espera-se que os srs. Miguel Angelo e D. João da Camara queiram encarregar-se da cantata portugueza que deve ser cantada por duzentas ou mais vozes de amadores».

Com respeito á parte musical, enviou-nos de Milão o sr. visconde do Arneiro uma larga exposição impressa, em que deseja demonstrar perante a Grande Commissão que a sua opera *D. Bibas*, extrahida do *Bobo* de Alexandre Herculano, é apropositada na homenagem que se projecta e que como nenhuma outra enaltece o brio e o caracter dos portuguezes e anima o entusiasmo pela patria.

Com respeito á parte dramatica, trancrevemos do *Diario Illustrado* um protesto muito sensato e muito justo de um dos nossos auctores dramaticos mais em vista.

Diz elle :

«Ex.^{mo} sr. presidente da grande commissão central do centenario da India.

As breves considerações que tomo a liberdade de expôr a v. ex.^a não representam um modo de vêr singular, mas um protesto de muitos, de que ousou fazer-me echo, certo de que a commissão se dignará acolher-lhe a ciosa da lealdade porque haja de querer ser julgada, em caso de tanta monta.

Acabo de vêr n'um jornal — a *Tarde*, n.º 2:584 — que têm sido feitas encomendas de hymnos, dramas, cantatas, para a celebração do centenario; e ao revez, que têm sido offercidas á commissão operas, poemas, planos de ornamentações, etc.

Uso dizer a v. ex.^a que me causaram profundo espanto taes noticias; porque desde que vivo tenho visto — e provavelmente assim foi antes de eu nascer, — sempre que um paiz pretende fazer-se representar, litteraria, scientifica ou artisticamente, perante estranhos, da maneira mais alta, a unica fórma até hoje conhecida e a de estabelecer a lucta das aptidões e das faculdades, é decretar o concurso.

Em todo o mundo, em exposições, festejos, commemorações nacionaes, sempre que se pretende aproximar da grandeza do facto celebrado a obra a produzir, chama-se a esse campo, todo inteiro, a força intellectual ou artistica do paiz, incitando-a por estímulos pecuniarios ou honoríficos.

Entre nós, não só se não estimula, mas prohibe-se, limitando-a no polygono estreito de um grupo, cujo valor não discuto, mas cujas aptidões não são unicas. E, disse, prohibe-se, porque fôra do campo da protecção da grande commissão ou do governo, que o mesmo é, o trabalho é perdido absolutamente na pequenez do nosso meio.

Como portuguez e como homem de letras tenho o direito, n'uma commemoração nacional, de exigir que

me não entrem, não quero dizer as minhas faculdades de intelligencia, mas as minhas aspirações de trabalho, na causa que é de Portugal, e não esbarrar na minha tentativa com o absurdo de uma encomenda que fere os meus brios de escriptor, além dos meus direitos de portuguez.

* Estas considerações que faço como escriptor, outros as farão na especialidade das suas aptidões; e faço-as com o fim de libertar a critica futura do labéu de inveja, com que é costume, entre nós, alcunhar as manifestações de independencia que raros se dão o mau gosto de formular, longe dos syndicatos de artes e lettras.

Tem ainda um outro fim: o assentar bem sobre a grande commissão, de que v. ex.^a é illustre presidente, toda a responsabilidade das obras produzidas, qualquer que ella seja e que eu ousou desejar a mais grata.

O caracter eminentemente publico da festa nacional, a responsabilidade perante o juizo de estranhos sobre o nivel intellectual do paiz, o patriotismo conhecido dos membros da commissão, arrancam do meu espirito a idéa de um compadrio revoltante; mas é preciso que ninguem mais a tenha, que qualquer acto menos reflectido a possa provocar, e a grande commissão tel-o ha conseguido abrindo campo livre a todos os que querem e têm o direito de trabalhar, prescrevendo do seu programma a encomenda secreta ou a offerta officiosa, que podem ser dignos processos, mas não tem aquella limpidez que a publicidade e o livre exame de toda a gente imprime e reconhece no trabalho de concurso provocado livremente e ás claras.

A muito alta consideração que me merecem de v. ex.^a as qualidades de caracter e de intelligencia levam-me a suppôr-lhe uma intervenção efficaz e prompta e dispensa-me de commentarios em que eu poderia ferir individualidades, o que não pretendo, ou fazer resvalar no burlesco um tão elevado assumpto, o que profundamente me repugna.

De v. ex.^a

att.º e venerador

Marcellino Mesquita.»

Concordamos plenamente com o objecto d'esta carta e arrancando tambem, como o sr. Marcellino Mesquita, a idéa de um compadrio revoltante, não comprehendemos como a grande commissão se sobrecarregue exponenteamente com a enorme responsabilidade de julgar, e de antemão, boas as obras das pessoas a quem as encomenda.

Se bem que no seu programma já a commissão nos diz que promoverá a execução d'essas obras por artistas á sua escolha, vemos de prompto que houve já certa inversão escolhendo para o hymno artistas que em tal genero nunca mostraram a sua competencia, pondo de lado Lopes de Mendonça e Keil que contam na *Portugueza* um dos seus mais bellos successos, ao mesmo tempo que a D. Jo. o da Camara, dramaturgo, foi incumbida uma cantata.

Ao que parece, o nosso illustre collaborador Lopes de Mendonça, para executar o grande drama que lhe é proposto, apresentou condições sobre cuja acceitação ainda ha duvidas.

Particularmente nos consta que uma das maiores objecções que o sr. Lopes de Mendonça encontra é a falta de tempo. Com effeito, para construir de novo uma peça da importancia d'aquella que a commissão deseja, é preciso ceder largo tempo a uma busca rigorosa nas chronicas da epocha, depois de achado o élo fundamental da acção, desenvolvê-lo, versificar o, mettel-o em scena, tudo isto digna e apropriadamente não é coisa para se fazer em menos de um anno — que tanto é o espaço de tempo que hoje dista das festas — e nós conhecendo o espirito escrupuloso do nosso amigo, não hesitamos em crêr que será o primeiro a não cooperar em tão grave responsabilidade.

E tão grave a achamos que quasi estamos certos de que

a commissão a revogar, abrindo um concurso franco não só a qualquer auctor dramático já feito, mas ainda, como muito bem diz o sr. Marcellino Mesquita, a qualquer portuguez a quem o grande facto historico possa mover o entusiasmo a ponto de o fazer collocar e de chofre entre os melhores e mais vibrantes escriptores e auctores dramaticos. Quem sabe?

No estrangeiro quando se fazem commemorações semelhantes, não só n'este ponto que é da mais alta importancia, mas mesmo em pequenas partes materiaes do programma, é sempre aberto concurso, e concurso não só entre artistas, mas entre todo o povo, de planos e de idéas. Assim por exemplo foi de um d'esses concursos que, em Paris, sahio o plano de ornamentação da praça do Hotel-de-Ville, por occasião da visita dos marinheiros russos áquella cidade, e esse plano bello no projecto e magnifico em execução, foi proposto por um desconhecido embora aperfeiçoado depois nas partes technicas, pelos artistas dependentes da Camara. A idéa primeira, porém, foi de *um qualquer*, á falta de plano engenhoso e novo por parte dos artistas — e não foram poucos — a quem a Camara tinha proposto a incumbencia. O mesmo succedeu tambem não ha muito com respeito ao concurso de um typo para sellos postaes.

O concurso hoje é a fórma mais justa e mais moral de regular tudo isto, além de ser, quantas vezes, o unico meio dos desconhecidos poderem mostrar ao grande publico as suas aptidões tantas vezes negadas pelas *cotteries* e pelas *confrarias de elogio mutuo*.

Depois de escripto o que acima está e que já agora não retiramos pois assim ficará consignado tudo que diz respeito a este assumpto que decerto deve interessar os nossos leitores, consta officialmente que a grande commissão, tendo tratado do drama historico, resolveu que se abrisse concurso, convidando-se a 2.ª secção da Academia das Sciencias a indicar o jury para elle e para formular o seu programma.

Não temos senão que louvar a commissão por este facto que deverá a honra.

Mais consta que a mesma commissão continúa as negociações para a execução de uma e talvez de duas operas nacionaes.

Está muito bem; mas ainda n'este assumpto o concurso não assentaria mal.

Diz-se que o sr. Marcellino Mesquita tem já prompta a peça com que deve concorrer, e que o sr. Lopes de Mendonça que, como atraz dizemos, foi convidado a fazer o drama, intenta escrever um que fará pôr em scena mas não tenciona apresentar no concurso official.

As feiras.

Insiste o nosso «antigo assignante» sobre este assumpto de que largamente nos occupámos no passado N.º

Responder-lhe-hemos no N.º proximo ácerca do que sabemos da «origem das feiras». Não é muito decerto, mas talvez seja interessante.

Em Zurich representa-se agora a peça: *A lucta da mulher*, em que ha tres irmãs orphãs que luctam penosamente pelo pão de cada dia. Duas morrem e a que lhes sobrevive, no ultimo acto, sae-se com esta tirada em frente dos cadaveres das manas:

— Juro combater com todas as minhas forças pela justa batalha a favor dos direitos do nosso sexo. Atacarei com a palavra e com a acção a vergonhosa escravidão que nos impõem ha tantos annos.

Extrahiram-se dramas que serão representados no proximo inverno em Paris, de *L'homme qui rit* de Victor Hugo, e do *Idylle tragique* de Paul Bourget.

Tambem Zola vae tirar um drama do seu ultimo livro *Rome*, que encerra scenas altamente dramaticas dos amores de Dario e Benedetta.

Os francezes são unicos para chamar *seu* o que é bom dos outros.

Representou-se agora no Opera Comica o *Don Pasquale* de Donizetti, e como agradasse muito, chamam elles, os francezes, a opera, franceza, visto que Donizetti a escreveu quando estava em Paris.

Nova fórma de definir nacionalidades.

Mariana, o drama de Echegaray, foi traduzido para francez e entregue á Sarah Bernhardt.

Um jornal milenez *Il Teatro*, abriu um concurso para librettos de operas em um acto, com um premio de 1:000 liras, a que se apresentaram 193 concorrentes.

Da 1.ª escolha apartaram-se, como bons, 10; da 2.ª, 4; e da 3.ª, 2, que disputaram entre si o premio. Chamam-se elles, *L'ultima notte*, o que definitivamente ganhou as liras, e *La nave* o outro, que mereceu um diploma honroso, fóra do programma do concurso.

Capinera reale é o titulo em italiano da peça que Novelli representou em Madrid e nós supponmos ser a *Tuti-negra real* de D. João da Camara.

Chegou a Lisboa da longa estada que fez no Brazil o arrojado e emprehendedor empresario Sousa Bastos.

Damos-lhe as boas vindas.

O monologo *Historia d'um crime*, que demos no nosso numero anterior, foi traduzido pelo nosso amigo sr. Libanio da Silva, que o entregou ao distincto actor José Ricardo.

Uma historia verdadeira, ainda que inverosimil, contada por Clement Scott ácerca do velho actor Henry Howe, hoje morto, e que forma um contraste frisante com o que se sabe dos salarios exagerados que reclamam os actores de merito mediocre:

Pouco tempo depois de enviuar Henry Howe foi ter com Irving o grande tragico-emprezario e declarou-lhe singelamente que sendo muito restrictas as suas necessidades, entendia que os seus serviços eram demasiadamente remunerados.

— Reduza a metade o meu ordenado, disse lhe elle, e ainda ficarei muito bem pago para os serviços que presto.

Sir Henry Irving respondeu-lhe:

— Ha só um homem em Inglaterra que possa avaliar em pouco o merito de Henry Howe e esse homem é o proprio Henry Howe. Por isso o teu salario será o mesmo que até hoje, até ao dia em que o panno caia sobre o ultimo acto da tua existencia.

E foi feito como disse o leal interprete de Shakespeare.

O actor Joaquim Costa, que sahio do theatro de D. Maria II, será na proxima epocha o ensaiador do theatro da Trindade com a empresa Sousa Bastos.

Um tal Th. Reinach tomou a peito demonstrar a similhaça que ha entre a antiga musica grega e a moderna arte wagneriana, e para tal fim fez agora a importante descoberta de um antigo documento musical que até agora tinha sido um enigma indecifrável. *Hormagia*, assim se intitula, diz Reinach que é um duetto para guitarra e canto perfeitamente escripto segundo as theorias de Wagner.